

Gama sobrecarregado

Próximo a cidades como Novo Gama, Pedregal e Valparaíso, o Hospital Regional do Gama (HRG) é o que mais sente o peso dos pacientes do Entorno. Tanto proporcionalmente como em termos absolutos, o HRG lidera o recebimento de doentes de fora do DF. De 234.904 pacientes que passaram pela emergência da unidade neste ano, 102.385 vinharam de outros estados, o que representa 43,59% do total.

Em relação às internações, os números são ainda mais evidentes. Das 12.054 pessoas que se internaram no hospital em 2005, 7.522 (62,4%) não eram do DF. Por dia, o HRG recebe de 15 a 20 ambulâncias do Entorno. O diretor interino, Sérgio Miyazaki, não tem dúvidas de que a carência de saúde nos municípios goianos é responsável pela saturação do hospital.

"Há algumas semanas, os partos caíram de 900 para 750 por mês", relembra Miyazaki. "Descobrimos que Luziânia e Cidade Ocidental tinham recebido equipamentos, mas tudo voltou ao normal quando as duas cidades param de atender às gestantes."

Por causa da proximidade com a divisa com Goiás, grande parte dos pacientes do Entorno nem precisa de ambulância e chega ao HRG de ônibus, como fez a desempregada Joilda de Souza. Sem encontrar dentista para atender a filha, de 12 anos, a moradora do Novo Gama reclamava na emergência do Hospital, ontem, às 13h. "Agora terei de ir ao hospital da Asa Sul para cuidar da dor", disse.

No Hospital de Base, o maior do DF, os pacientes de outros estados respondem por 28,6% das internações e 11,6% dos atendimentos de emergência. No entanto, segundo o diretor, Milton Menezes, o número, algumas vezes, chega a 40%. "Se os 1,2 mil pacientes diários da emergência fossem reduzidos nessa proporção, receberíamos de 400 a 500 pessoas a menos por dia", estima.

Para Menezes, a sobrecarga é ainda maior por causa do atendimento especializado. "Somos a única unidade da rede pública a oferecer serviços em áreas como neurocirurgia, cirurgias torácicas e cardíacas", explica. A desinformação também contribui para ampliar o fluxo de pacientes do hospital. "Muita gente poderia ser perfeitamente atendida em hospitais menores", acrescenta.

Apesar das reclamações de Menezes, o fato é que a maioria dos municípios do Entorno não está aparelhada sequer para as especialidades mais simples. Com a clavícula quebrada desde terça-feira, Graciele Pereira, 12 anos, veio de Cabeceira Grande (MG). No posto de saúde da comunidade, não havia gaze para enfaixá-la. No hospital de Unaí, faltava gesso. "Só me engessaram aqui", conta.

Sem hematologista na cidade natal para cuidar da anemia do filho Hellian Santos, 2 anos, a trabalhadora rural Eliane Moraes, 27 anos, acompanhava Graciele na ambulância ontem, às 12h. "Consegui tratamento apenas no Hospital de Base", alega.

"Muita gente aparece com problemas que poderiam ser atendidos em hospitais menores"

Milton Menezes,
diretor do Hospital de Base
do Distrito Federal